

Sarney perde o respaldo no Senado

Mesmo com maioria, o Governo tem dificuldade para aprovar projetos

FÁBIO MENDES
Da Editoria de Política

O Governo do presidente José Sarney, em termos teóricos, tem tranquila maioria no Senado: 25 senadores do PMDB e 19 do PFL. Portanto, uma bancada maciça de 44 senadores para um total de 69.

Em termos práticos, porém, o presidente Sarney se tem socorrido inúmeras vezes dos chamados "oposicionistas" do PDS para fazer aprovar suas proposições na Câmara Alta. Dentro do PMDB, há senadores que perturbam os planos oficiais com maior eficiência que toda a bancada da "oposição".

O senador Fábio Lucena (PMDB-AM) é um desses com os quais o Presidente da República não pode contar nas suas horas mais difíceis.

Lucena, na verdade, fez um esforço enorme para se integrar à bancada governista. Como vice-líder do seu partido, tentou algumas vezes defender proposições do Governo, mostrando-se absolutamente inadequado para a tarefa.

Tendo dedicado toda a sua vida pública a uma feroz luta oposicionista, no Amazonas, Fábio Lucena lembra um peixe fora d'água quando se propõe a ficar do lado oficial. O conforto situacionista, com as suas gordas faias de poder, parece não o agradar.

Por várias vezes, antes de abandonar a vice-liderança do PMDB na última quinta-feira, o senador Fábio Lucena registrou, da tribuna ou fora dela, pesadas críticas ao Governo da Nova República, responsabilizando-o pelo progressivo abandono do seu Amazonas.

Seu penúltimo ato de rebeldia, no início da semana, foi o de se tornar co-autor da representação que o senador Roberto Campos (PDS-MT) dirigiu ao procurador-geral da República, pedindo fosse submetida ao poder Judiciário a constitucionalidade de sete dispositivos da



O senador Itamar Franco faz uma oposição discreta ao Governo, enquanto Fábio Lucena o tem criticado duramente

lei de informática.

E o seu último ato de colisão, mais grave, foi a carta de quinta-feira passada, na qual se demite das funções de vice-líder governista, acusa Sarney de ser um joguete nas mãos dos ministros militares e anuncia seu regresso à oposição, "lugar em que por sinal sempre me encontro".

OSO DURO

A prolongada ausência de Brasília do senador Jaison Barreto (PMDB-SC) tem sido um alívio para o Governo Sarney. Menos um, dentre os da "sua" bancada, para criar obstáculos à programação oficial.

Jaison Barreto, um socialista convicto, não esconde suas decepções com a Nova República. Tem preferido externá-las, porém, nas praças públicas de Florianópolis, onde abriu dissidência no PMDB para apoiar o candidato a Prefeito do PDS, Francisco de Assis, lançado pe-

lo governador pedestra Esperidião Amin.

Com o senador Itamar Franco (PMDB-MG), porém, o Governo Sarney não tem um dia de sossego. Itamar é dos mais assíduos e pontuais às sessões legislativas e, ao contrário de Fábio Lucena, suas restrições às proposições oficiais são menos indiscretas e mais moderadas. Contudo, de uma persistência incansável e perturbadora.

Ainda recentemente, projeto de Itamar Franco — liberando os oficiais reformados dos regulamentos disciplinares das Forças Armadas — chegou a ser rejeitado pelo Senado, com pareceres contrários das Comissões Técnicas. Nada obstante, o senador por Minas tanto fez nos bastidores e tanto mexeu e re mexeu no regimento interno da Casa, ameaçando paralisar os trabalhos do Senado, que acabou dobrando as lideranças governistas: novos pareceres foram feitos, votados e o projeto, numa nova versão que não lhe

alterou o conteúdo, finalmente foi aprovado pelo Senado por unanimidade de votos.

Na votação da emenda convocatória da Constituinte — ainda tem suspenso, aguardando quorum qualificado para sua continuidade —, o senador Itamar Franco já deixou clara sua definição: a emenda não seá aprovada se nela se mantiver o dispositivo (defendido pelo deputado Bonifácio de Andrade) que define a futura Assembléa Nacional Constituinte como exclusiva, isto é, sem funções legislativas ordinárias.

FIDELIDADE

Há outros senadores, nas bancadas do PMDB e do PFL, que não abrem mão da sua independência política e ideológica. São fiéis ao Governo, mas não ao ponto de subverterem suas convicções pessoais.

O próprio senador Hélio Guedes — atualmente na liderança do PMDB, em substituição a

Humberto Lucena — já fez várias críticas ao Governo da Nova República (antes de assumir a liderança), registrada nos anais do Senado. Críticou-o duramente, por exemplo, quando não nomeou para Carajás um representante do PMDB do Pará, em substituição a João Meirelles (tradicional peemedebista paraense), exonerado sem maiores justificativas.

Vários senadores do PFL — entre os quais João Lobo e Jutahy Magalhães — discordaram francamente do Governo quando anunciada a primeira versão da reforma agrária, cujo texto, se dependesse de decisão do Congresso, provavelmente não seria aprovado.

O Governo Sarney, em suma, poderá contar sempre com o apoio das suas bancadas do PMDB e do PFL no Congresso — desde que suas iniciativas não se conflitem, em termos mais sérios, com os interesses políticos dos seus fiéis sustentadores congressuais...